RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS: A CIRCULARIDADE CULTURAL, O PENSAMENTO POLÍTICO DE PLÍNIO SALGADO E O CONSERVADORISMO PORTUGUÊS

Leandro Pereira Gonçalves

"Deus dirige os destinos dos povos. O Homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e o aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da Família, da Pátria e da Sociedade."[1] Com um apelo salvacionista de cunho nacionalista, Plínio Salgado lançou em 7 de outubro de 1932, na cidade de São Paulo, a Ação Integralista Brasileira (AIB), estabelecendo-se como um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. A partir de então, obteve intenso e rápido crescimento, até a decretação do Estado Novo brasileiro, em novembro de 1937.

Através desse movimento político, ficou conhecido Plínio Salgado, líder do movimento, que possuía um forte discurso com uma sólida base cristã, canalizava para a ação política as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político.

A AIB pode ser considerada como o "mais bem sucedido dos movimentos fascistas latino-americanos".[2] Não há dúvidas de que o momento auge do integralismo e de Plínio Salgado na política brasileira foi o período relativo à legalidade da AIB, no contexto de fascitização que viveu o Brasil nos anos 1930.[3] Através do movimento, consolidou-se como líder e intelectual com pretensões ambiciosas na sociedade brasileira do período entre guerras.

Um dos pontos centrais das reflexões promovidas tem como propósito verificar e definir determinados pontos que influenciaram o pensamento de Plínio Salgado, que tinha preocupação em legitimar a originalidade do movimento integralista; mas, ao verificar as bases de formação, não é possível enxergar qualquer processo de vanguarda, mas sim de mimetismo e inspirações de determinadas doutrinas.

> Como qualquer outro movimento fascista, a AIB pretendeu construir um programa original, principalmente no seu nacionalismo, mas o Estado In-

1 SALGADO, 1932:2.

2 PINTO, 1994:143.

3 DUTRA, 1997:16.

> tegral dos ideólogos aproximava-se bastante do Estado Nacional Sindicalista. No projeto político da AIB, a influência mais importante do Integralismo Lusitano (IL) e do Nacional Sindicalismo (N/S) foi, sem dúvida, no corporativismo. Salgado particularmente, sintetizou alguma influência italiana coma literatura corporativista de António Sardinha. Alguns pontos do programa como da autonomia municipal, tema caro aos teóricos do IL, foram diretamente adaptados à realidade brasileira.[4]

A investigação verifica a existência de diálogos ocultos entre o autor e os congêneres europeus no sentido de elaboração e formação do movimento pliniano. Elementos que deixaram de ser ocultos em momentos posteriores. Em 1945, escreveu uma correspondência ao integralista lusitano Hipólito Raposo com a intenção de agradece-lhe a oferta da coleção bibliográfica *Integralismo Lusitano*, explicitando a relação existente entre os movimentos, contradizendo pensamentos anteriores cujo propósito estava na defesa da originalidade

> A Hipólito Raposo, meu presadíssimo amigo. Agradeço, de todo o coração, a oferta que me fez da coleção completa (por mim desde há meses tão procurada) do *Integralismo Lusitano*. Posso, agora, reler aqueles artigos que tanto entusiasmo despertaram num pequeno grupo de brasileiros de S. Paulo, à altura também inflamados por um pensamento idêntico ao que inspirava e dirigia as atividades da esplêndida revista. Por este valioso presente, expressivo pela significação da fraternidade que nos une, receba, meu caro amigo, o abraço do seu admirador. (a) Plínio Salgado.[5]

Verifica-se, na década de 1930, uma tentativa de tentar ocultar qualquer componente de inspiração e/ou influência. A visão de vanguarda exigia um pensamento modernista e inovador perante a sociedade brasileira, defendia ser uma espécie de "marco zero", caracterização que os movimentos conservadores de cunho radical também adotavam para a aceitação da intelectualidade. Foi assim, em Portugal, com o IL; e, no Brasil, com a AIB.

Pretende-se identificar elementos da trajetória de Plínio Salgado para a formação e o desenvolvimento do integralismo brasileiro em suas mais variadas fases, buscando as múltiplas matrizes discursivas e a circularidade cultural no campo das apropriações no trato com os componentes lusitanos. Com matrizes múltiplas, tinha como propósito a construção

4 PINTO, 1994: 144.

5 SALGADO, 1945.

de uma doutrina política original. No entanto a circularidade de ideias do período fez com que o Chefe sofresse influências consideráveis para a formação de seu pensamento, tendo, em Portugal, o exemplo doutrinário, o Integralismo Lusitano: um movimento de cunho nacionalista da direita radical que teve visível formação embasada na precursora do conservadorismo, a *Action Française*, que assim como todos os grupos políticos do princípio do século XX estabeleceram uma resposta prática à teoria proferida pelo Papa Leão XIII, em 1891, através da *Rerum Novarum*. Vê-se a existência de uma espécie de "E/Imigrações das ideias" conservadoras no início do século como elemento fundamental para a compreensão do sentido político contemporâneo no Brasil e em Portugal.[6]

Através de referências textuais e documentais, tem-se como foco uma introdução em torno da relação comparativa, teórica e prática entre o integralismo português e o brasileiro na concepção de orientação doutrinária de Plínio Salgado em torno de um discurso político baseado na visão cristã espiritualista. A análise tratada tem como fundamentação níveis políticos em torno do discurso luso-brasileiro.

Os integralismos, não possuem a mesma significação, nem tampouco podem ser colocados como similares de forma totalizante. No entanto, é visível que o movimento lusitano serviu de abertura para o pensamento do congênere brasileiro. O conservadorismo português estava inserido em uma série de circularidades de ideias e práticas que promoveu a sua inspiração política. Através de uma associação entre as matrizes vindas da infância, da juventude e da interlocução com os modernistas, o autor iniciou uma série de apropriações de ideias que estavam disponíveis no seu tempo. Havia uma circularidade cultural em que o conservadorismo português e o brasileiro estavam inseridos. Com essa relação, vê-se a constituição da trajetória histórica do sujeito político que foi Plínio Salgado.

Antes da Primeira Grande Guerra Mundial, um grupo de jovens monarquistas fundou um clube político denominado Integralismo Lusitano (IL) que, em pouco tempo, após a revolução republicana de 5 de outubro de 1910, foi transformado de clube literário em ação política organizada, com o intuito de realizar revoltas em prol da monarquia portuguesa.[7] A monarquia proposta buscava o "estabelecimento do regime corporativo para as profissões e misteres.[8] Alberto Monsaraz na *Cartilha Monárquica*, em 1920, definiu que o objetivo do IL não pode ser confundido "com as repúblicas monárquicas do século XIX, vulgarmente chamadas *monarquias liberais*".[9] O principal suporte político da direita radical portuguesa encontrou baliza no IL:

6 GONÇALVES, 2014.

7 PINTO, 1994: 24.

8 MONSARAZ, 1920: 25.

9 *Ibid*., p. 5.

> A sua proposta era de ruptura total com o sistema liberal, apontando para a construção de um Estado Nacionalista baseado no corporativismo integral. Os traços de fascização deste setor eram crescentes desde o pós-guerra, visíveis nas tentativas de criação de um partido de massas aproveitando a nova conjuntura da Ditadura Militar e na opção de modelos mais carismáticos de legitimidade.[10]

Em torno dessa categorização, verifica-se que alguns membros do IL tiveram contato com a *Action Française*, que serviu de base inspiratória para a idealização do grupo fundado em 1916. Esse grupo tinha, como principal teórico, o católico António Sardinha, além de Rolão Preto, que se destacou por ser o mais jovem do grupo e por fazer parte de um núcleo marcado pela influência cultural do principal movimento da direita radical francesa.[11]

O integralismo deixou uma profunda marca intelectual na cultura política portuguesa do século XX, sendo dividido em três grandes fases. A primeira, da fundação até a ditadura sidonista de 1917-18; a segunda, até 1922, quando tentou organizar um movimento político; a terceira, um momento de maior proliferação descentralizadora dos núcleos até a dissolução em, 1932.[12]

A análise do integralismo é fundamental para a compreensão da política do século XX em Portugal: "sem o integralismo, não seria possível compreender a história das ideias e dos fatos em Portugal do nosso tempo – o *Integralismo Lusitano* explicava-o e explicava-nos". QUINTAS, 2004:13. Sem o IL não é possível compreender, de fato, o integralismo brasileiro, em especial o pensamento político de Plínio Salgado, uma vez que há identificação de elementos de proximidade entre os grupos conservadores radicais do Brasil e Portugal:

> .... a Ação Integralista Brasileira possuía todos os elementos de caracterização externa do fascismo, como a camisa-uniforme, nascida da camiccia nera de Mussolini, que nele era verde (como nos congêneres romeno e húngaro), tendo sido parda no nazismo, preta nos fascistas tchecos e ingleses, azul nos irlandeses e nos portugueses de Rolão Preto; e até dourada num agrupamento mexicano aparentado. Ou, ainda, o signo de conotação meio mística: fascio littorio, suástica, cruz de flechas, tocha e, no Brasil, o sigma somatório. Ou, também, a saudação romana, comum

10 PINTO, 2004: 30.

11 PINTO, 1994: 24-25.

12 Ibid., p. 25-31.

> a todas as modalidades e que entre nós passou por um processo revelador de assimilação, identificando-se à saudação indígena de paz com o brado 'Anauê'. Resultou uma saudação nacional, peculiar, reveladora do indianismo que sempre reponta em nossos diferentes nacionalismos como busca do timbre diferenciador; mas que nem por isso deixa de ser manifestação do sistema simbólico do fascismo, geral.[13]

O objetivo não é limitar a relação do IL com a AIB simplesmente em simbologias ou rituais, mas verificar relações, influências e afinidades, além de trocas das matrizes em torno dos componentes políticos. Os integralistas lusitanos não aceitavam o rótulo de miméticos ou plagiadores do pensamento encontrado na *Action Française*, pois haveria, assim, uma perda da imagem de algo novo para a sociedade. Essa preocupação também foi demonstrada por Plínio Salgado, e demais grupos conservadores radicais do início do século XX que tinham a necessidade básica de afirmar a originalidade perante a sociedade e não afirmavam diretamente quais eram suas matrizes culturais, muito menos de suas apropriações. Um dos idealizadores do pensamento lusitano, Hipólito Raposo, afirmou em torno dessa necessidade:

> ... o equívoco de uns e a má-fé de muitos cercaram o Integralismo Lusitano de um rumor de suspeição que o acompanhou desde os primeiros passos. E ainda agora, após tantas justificações, este movimento de renovação nacional é considerado por muita gente como simples artigo de importação francesa, sem fundamento tradicional, sem razão de vida própria, enfim, como um caso de moda intelectual ou de pedantismo culto.[14]

O objetivo está na promoção de uma história comparada entre os integralismos a fim de verificar a circularidade de ideias e práticas contidas nos movimentos conservadores de cunho radical. A discussão em torno de uma possível originalidade não é alvo de investigação, até por que:

> ... surgirá em 1964 o primeiro trabalho sobre o tema, da autoria de Carlos Ferrão. Obra que se pretende exaustiva, na qual este não esconde o seu objetivo: provar que o IL é uma cópia aportuguesada da *Action Française*, no fundo, mero fenômeno de importação com máscara nacionalista.[15]

---

13 CANDIDO, 1999: 19.

14 RAPOSO, 1929: 12.

15 PINTO, 1983: 1410.

Diversas vertentes historiográficas teceram análises e reflexões sobre o movimento lusitano e percebe-se a importância da utilização do termo geração para caracterizar com propriedade os integralistas lusitanos; pois, como foi afirmado, o movimento faz parte de um momento de emergência de uma juventude intelectualizada de Portugal, mais especificamente da Universidade de Coimbra que tinha como propósito criar uma nova organização dentro da república: "Nascidos nos anos 89-91 do século passado, é na Universidade de Coimbra que, nos anos que medeiam 1907-11, irão adquirir o fundamental da sua personalidade intelectual".[16]

Plínio Salgado nasceu em 1895, ou seja, do outro lado do Atlântico, alguns anos antes, mas contextualizado na mesma geração dos lusitanos, existia o congênere brasileiro. Mas, ao citar essa relevância, não se pode deixar de comentar uma diferença entre o brasileiro e os lusitanos que viriam a ser companheiros políticos décadas seguintes: não tinha uma formação acadêmica como os demais. Em um primeiro momento, essa afirmação pode parecer pedante, mas é necessária para identificar determinadas análises que o líder brasileiro teceu.

O integralismo brasileiro muito se assemelha ao IL uma vez que a base do nacionalismo, anticomunismo e a presença de intelectuais tradicionais católicos estiveram presentes no movimento brasileiro assim como no português. O IL surgiu em Portugal, no século XX, em um contexto de reações às doutrinas emergentes, e representava uma reação conservadora aos avanços de modernização pelos quais o mundo passava naquele momento. O movimento integralista lusitano era o espaço de representação do que havia de mais conservador na sociedade portuguesa no contexto político. O início do movimento ocorreu, oficialmente, em 1913, quando a expressão IL foi usada pela primeira vez na revista *Alma Portuguesa*, através de Luís de Almeida Braga, um dos "mestres"[17] do movimento.

O IL nunca se transformou em uma agremiação política totalmente organizada em uma concepção partidária ou regimental. O movimento, por ser um celeiro de intelectuais, agia principalmente no campo das ideias, tendo as letras como principal arma de desenvolvimento político. "O Integralismo Lusitano foi um movimento político que, acima de tudo, sempre se caracterizou por um grande elitismo social e cultural".[18] O movimento mãe, *Action Française*, possuía uma força organizativa o que deu sustentação aos grupos. Contudo, "o Integralismo Lusitano nunca se transformou numa liga política com uma solidez organizativa equiparável à *Action Française*".[19] A ausência de uma força organizativa do IL não tem ligações únicas com sua caracterização, mas também com o momento que o país vivia, uma vez que a organização

16 Ibid., p. 1411.

17 Termo utilizado por José Manuel Quintas ao mencionar os fundadores (1ª geração) de integralistas lusitanos. QUINTAS, 2004: 22.

18 MARTINS, 2004: 271.

19 PINTO, 1994: 31.

republicana não criou um mecanismo democrático que propiciasse a incorporação de novos atores políticos.[20] Os monárquicos integrais enxergavam uma associação entre partidos políticos contra o mal democrático que precisa ser combatido. Segundo cartilha do movimento: "Para a Democracia, a Nação não existe organicamente; só há partidos políticos, agrupamentos numéricos de indivíduos-eleitores, lutando em nome do interesse público para utilidade dos associados".[21] A falta de uma força burocrática, em caráter partidário, gerou obstáculos no sentido de crescimento político, o que criou a ramificação do grupo.

Excetuando operíodo relacionado a essa nova organização política nascedoura no interior do IL, o Nacional-Sindicalismo (N/S), as bases políticas sempre foram mantidas e foram justamente elas as responsáveis por circular no Brasil ideias que mereceram atenção na Ação Imperial Patrionovista Brasileira, grupo neomonárquico, que é caracterizado como uma das bases organizacionais da AIB. Os integralistas lusitanos:

> ... afirmaram-se como nacionalistas e corporativistas, monárquicos e reacionários, tradicionalistas e organicistas, antiparlamentaristas, positivistas de direita (como Barrès e os teóricos da *Action Française,* Maurras, Daudet e Bainville), cientificistas (o caso mais notável é Pequito Rebelo embrenhado na leitura de Gustave Le Bon), profetas da sociedade antiburguesa (como Geroge Sorel e George Valois agremiados no *Cercle Proudhon*) e antimaterialistas, progressivamente neotomistas (sobretudo António Sardinha na esteira de Jacques Maritain e de Maulnier).[22]

O brasileiro utilizou ideias pautadas na leitura da Le Bon e outros teóricos, ainda que seu pensamento fosse marcado pela ambiguidade, pois utilizou uma teoria que era criticada por ele próprio.[23] A sua apropriação, incorporação e conhecimento são marcados por relações semelhantes aos companheiros integralistas de Portugal, uma vez que o campo de partida do IL foi o campo da intelectualidade, antes de enveredar para a organização política.[24]

A consolidação do pensamento literário em torno do discurso reformista, conservador e radical pautou a década de 1920 no Brasil, por meio do movimento verdeamarelismo, sendo o caminho feito da mesma forma que os lusitanos haviam feito pouco antes. A literatura

20 Ibid., p.102-103.

21 MONSARAZ, 1920: 14.

22 CARVALHO, 1995: 87.

23 GONÇALVES, 2012: 65-70.

24 PINTO, 1983: 1410.

sempre teve um papel fundamental para a construção do movimento brasileiro e, como já afirmado, no caso lusitano, a importância é ainda maior no sentido de congregar, pois não havia consenso entre os "mestres".

O N/S foi criado após uma ramificação que ocorreu no IL, tendo em Rolão Preto a liderança central. Conhecidos como camisas azuis, representou "um processo de fascização do Integralismo Lusitano".[25] A organização política cresceu rapidamente e representou uma espécie de radicalização do IL. Rolão Preto pode ser caracterizado como "o primeiro fascista entre os fundadores do IL".[26]

Os fascistas portugueses (N/S) utilizavam as camisas azuis, representando os trabalhadores e a cruz de Cristo, simbolizando a tradição portuguesa. Rolão Preto estabelece que o nascimento do movimento ocorreu, assim como os movimentos europeus congêneres, fascismo e nazismo, sem um programa rigorosamente definido. O nacionalismo era o ponto central do movimento e era identificado como uma herança vinda dos propósitos idealizados pelo IL.[27]

O N/S, por possuir um discurso visivelmente opositor ao governo Salazar, não conseguiu permanecer na legalidade por muito tempo. Em 1934, o Estado Novo português iniciou uma repressão sistemática contra qualquer ação do movimento. Apesar da proibição, manteve-se ativo até o final da II Guerra Mundial. A vida clandestina do N/S divide-se em dois períodos: entre 1934-1936, o movimento ainda consegue manter alguma atividade; a partir de 1936 e até o final da guerra, este não passa de uma rede de amigos políticos.[28]

Verifica-se que a radicalização conservadora propagada pelos N/S enxergou, em Plínio Salgado, uma possibilidade de ascensão nas relações luso-brasileiras.

> Muito Ilustre Camarada do Além-Mar: Em meu nome pessoal, em nome do Nacional Sindicalismo, movimento político similar ao do Integralismo Brasileiro, de que é Chefe a figura prestigiosa de Rolão Preto, uma das maiores cabeças da intelectualidade lusíada e pessoa de formoso caráter, apresento a V. Exª, de começo, as melhores saudações. Dizer-lhe como seguimos de perto, com o melhor do coração e o melhor dos entendimentos, a marcha do integralismo brasileiro, quanto admiramos Plínio Salgado, seu Chefe prestigiosíssimo e figura de singularíssimo talento na vida intelec-

25 PINTO, 1994:102.

26 Ibid., p.103.

27 Ibid., p. 108.

28 Ibid.,, 1994: 293-295.

> tual brasileira, julgo-o desnecessário. Tomo a liberdade de lhe escrever, meu Ilustre Camarada para lhe enviar a brochura anexa, de Eugênio de Belonor, pseudônimo de um sacerdote católico, o Pe. Antonio Rezende, um dos mais entusiastas dos mentores N.S. Brevemente lhe enviarei o livro do Dr. Rolão Preto (um dos primeiros definidores do Nacionalismo Português e companheiro de António Sardinha), que acaba de sair, sobre os acontecimentos de Espanha e que tanto êxito obteve. Espero que em troca V. Exª terá a bondade de me distinguir com a oferta dos seus excelentes livros, não só de doutrinação puramente política, mas os seus romances de intenção também verdadeiramente integralista. Tenho lido com verdadeira paixão todos os livros que tenho podido de sua autoria, mas são infelizmente poucos. Apesar de perseguido pelo Estado, o Nacional Sindicalismo é um movimento em permanente vibração. Todo ele segue com verdadeiro interesse as lutas dos seus irmãos brasileiros e deseja o triunfo da candidatura de Plínio Salgado à suprema magistratura do Brasil. Muito me interessava receber os jornais e revistas integralistas brasileiras. Estabelecer-se-ia assim um mais estreito intercâmbio cultural, sempre de grandes vantagens. Desejando as maiores venturas ao Integralismo e ao seu Chefe prestigioso, afirmo-me com a maior das estimas e apreço.[29]

A correspondência possui uma riqueza documental na análise, uma vez que é possível perceber que há uma relação de trocas entre os movimentos principalmente em torno da semelhança e proximidade política. Entende-se porque Plínio Salgado procurou Rolão Preto logo na primeira semana de exílio, em 1939. Um intercâmbio político e informativo entre Brasil e Portugal representaria, para aquele momento, uma excelente estratégia de expansão dos ideais coorporativas, uma vez que os regimes em vigor - Salazarismo e Varguismo - alteraram as estruturas organizativas dos respectivos países.

O N/S é entendido como um período do IL no sentido da radicalização fascista, mas com determinados aspectos mais delimitados no sentido de combate político encarando a ameaça comunista e socialista como papel central na defesa nacionalista. A pretensão da investigação no que tange o IL e N/S é promover a identificação dos elementos

29 GUIMARÃES, 1936. Segundo inventário do Fundo Plínio Salgado no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro a correspondência foi remetida a Plínio Salgado em 1943, no entanto pelo conteúdo do documento verifica-se que há um erro na organização. Crê-se que a carta foi enviada em torno do ano de 1936.

comparativos entre os grupos portugueses com o brasileiro. Dessa forma, no interior do objeto analítico, pode-se afirmar que a política fomentada na Universidade de Coimbra, oriunda de uma cultura francesa com dogmas clericais e, inspirada na euforia italiana, fez com que ocorresse no Brasil a consolidação do discurso nacionalista conservador radical de Plínio Salgado.

Os processos políticos dos integralismos foram criados com um aspecto de busca da verdade em consonância com um necessário convencimento. Em conferência na Faculdade de Direito de Recife, em 1933, ele afirmou que: "A mobilização de pensadores, estudiosos, intelectuais, é condição fundamental do êxito desta campanha. São eles que devem transmitir ao povo o conceito sereno da verdade".[30] Ou seja, a verdade integral era colocada como a defesa da sociedade e a busca pela doutrinação das massas era um elemento central do movimento, tanto é que, no mesmo ano da afirmação anterior, disse, ao lançar mais uma obra literária de catequização: "O povo compreendeu-o. A ideia nova, que palpita nele, iluminou as consciências. Centenas de milhares de brasileiros vestiram a camisa-verde, após a leitura dessas páginas".[31] A prática da cultura política nacionalista, "preconiza a criação de um Estado autoritário, eventualmente monárquico, que assentaria nas comunidades naturais, a cultura política católica procura as vias da realização do cristianismo na cidade através de organizações políticas diversas e por vezes opostas".[32]

Tais concepções culturais estiveram presentes não só no integralismo brasileiro, como também no movimento similar português, em que os integralistas definiam-se como doutrinadores, ou seja, aqueles que possuem uma verdade a ser levada para a sociedade. Anos antes das palavras de Plínio; um dos "mestres" do movimento lusitano, Pequito Rebelo, em 1921, disse: "O integralismo, verdadeira ressurreição do espírito nacional, é ao mesmo tempo uma doutrina de princípios, um sistema de instituições e uma disciplina de combate".[33] Os princípios podem ser caracterizados como elementos políticos de dominação, por isso a preocupação dos movimentos em criar mecanismos de entendimento popular. Pequito Rebelo argumentou: "é conveniente que o integralismo seja traduzido na simples e forte linguagem do lavrador, que tem uma fala e um pensamento, aprendidos na escola da Terra".[34] A dominação e a catequização seriam mais plausíveis, ponto de vista compartilhado também por Plínio Salgado.

---

30 SALGADO, 1995: 57.

31 SALGADO, 1937a: 10.

32 BERSTEIN, 1998: 354.

33 REBELO, 1921: 5.

34 Ibid.

Uma das formas de expansão dos movimentos conservadores era através da educação. Dessa forma, os portugueses criaram juntas escolares com o objetivo de desenvolver, com mais propriedade, o movimento. Em 1931, na cidade de Coimbra, a *Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano* lançou um comunicado que dizia:

> O esforço doutrinário do Integralismo Lusitano, em menos de duas décadas, bastou para varrer da melhor parte da mentalidade portuguesa a nuvem fantasmagórica e mitos que de há muito a vinham degradando. Dia a dia, os fatos de cá e de fora vêm dando luz mais viva às nossas diretrizes políticas, sociais e econômicas. /.../ É nosso propósito promover a publicação duma série de Estudos Políticos, econômicos e sociais, de instante oportunidade, subscritos por alguns dos melhores valores do nacionalismo português. Só com grandes sacrifícios, que voluntariamente aceitamos, poderemos vencer as enormíssimas dificuldades materiais com que inevitavelmente vamos defrontar-nos. Conosco trazemos apenas aquela fé inabalável que multiplica as forças, e o entusiasmo, sem mancha da nossa mocidade.[35]

A chamada doutrinação era elemento central dos movimentos radicais do século XX. A AIB possuía diversos periódicos[36] com o objetivo de divulgar os preceitos integralistas: "No período de existência legal do movimento integralista foram editados cento e trinta e oito jornais oficialmente ligados ao movimento, sendo dois de circulação nacional, trinta de circulação regional e cento e seis de circulação local ou nuclear".[37] Sobre a imprensa, afirmava que:

> A grande missão que o país tem o direito de exigir da imprensa nestes dias /.../ é, acima de tudo,- doutrinar. Doutrinar a boa doutrina, que é aquela que se origina da consideração superior dos acontecimentos [...] num rumo de superior finalidade política. /.../ A imprensa falhará a sua finalidade, se si alistar /.../ como orientador de grupos ou de classes, de interesses pessoais e de conclaves

35 JUNTA ESCOLAR DE COIMBRA DO INTEGRALISMO LUSITANO, 1931.

36 Partes dos periódicos foram analisadas em: GONÇALVES; SIMÕES, 2011; 2012.

37 OLIVEIRA, 2011: 25.

> de ambições /.../ não prestará nenhum serviço a nacionalidade. Agirá como uma deseducadora das massas.[38]

O incentivo educacional era elemento central do seu discurso que tinha como preceito a dominação. A necessidade de doutrinar e mostrar à sociedade caminhos a serem seguidos, era um dos pontos centrais do pensamento pliniano: "A alma de um povo só se desperta com coragem, com fé, com energia, numa arregimentação contínua, em permanente doutrinação".[39]

Um dos alvos da sua ação pedagógica eram as crianças, vistas por ele como elemento maior a ser atingido, o que pode ser constatado em artigo publicado em *A Offensiva*, em 26 de janeiro de 1937:

> Essa obra, que temos realizado, de educação constante, não mais perecerá. Temos ensinado às criancinhas a lição da bondade e do amor de Deus e da Pátria; temos ensinado aos moços a lição da virtude, da castidade, da severidade, da saúde do corpo e do espírito, a higiene física e moral, a bravura, a fé, a esperança, a alegria; temos ensinado aos tristes, aos melancólicos, aos displicentes, aos céticos, a lição dos júbilos interiores que provem das energias da consciência e das forças imortais do coração; temos ensinado aos que envelhecem a arte de envelhecer com dignidade, impondo-se ao respeito; temos ensinado aos fracos a lição da fortaleza, aos revoltados a lição do otimismo criador.[40]

O sentido da valorização nacionalista foi outra convergência entre os integralismos na ótica da doutrinação, baliza central dos movimentos conservadores radicais do século XX. A ideia de nação passou a ser outro ponto de reflexão para ele e para os lusitanos. Para os portugueses, além do mal causado pela implantação da república, em 1910, promovedora da destruição da nação. Essa deveria ser recuperada da destruição causada pela monarquia absolutista, mas com uma particularidade: para os integralistas lusitanos a visão sobre o absolutismo não correspondia à visão tradicionalista que identificava o poder pessoal como Monarquia absoluta.

O objetivo dos integralistas lusitanos não era simplesmente promover a restauração nacional da época monárquica e, sim, criar um elemento que pudesse justificar a necessidade de retomar o Portugal dos chamados "temos áureos", no processo caracterizado como medieval.

---

38 SALGADO, 1935a:157-161.

39 Ibid., p. 198.

40 SALGADO, 1937b: 181-182.

António Sardinha afirmou que: "é de uso corrente reputar-se à Idade Média como um eclipse duradouro da inteligência humana, só ressuscitada do seu sono longuíssimo pelos clarões vitoriosos da Renascença. A calúnia da Idade Média é a calúnia contra a Igreja".[41] Ou seja, os valores medievais de defesa nacionalista estavam associados a uma prática cristã. Tal modo de pensar levou-o a afirmar que: "Construir uma Pátria é muito difícil. /.../ Porque uma Nação pode ser uma obra política, mas uma Pátria é uma arquitetura moral e espiritual".[42] Pensar o nacionalismo com a prática religiosa era o caminho difundido por ele, que discursava aos militantes defendendo a relação entre o sentimento nacional e o pensamento cristão.

O renascimento espiritual foi um movimento que se manifestou sob a influência francesa, com o objetivo de restaurar valores espiritualistas na poesia, na prosa e na filosofia. "Este movimento de espiritualização dos intelectuais é marcado, como o da França, no início do século, por um espírito antimoderno, antiburguês pela nostalgia da Idade Média".[43]

A prática em relação à defesa espiritual era um artifício, além da crença, que conseguia mobilizar a sociedade em torno do ideal integralista: "espiritualismo sem o nacionalismo, é um erro que atenta contra a natureza humana", dizia Plínio Salgado, que se apresentava como portador da única forma de conter os anticristãos.[44]

Nesse mesmo processo, os lusitanos, no início do século XX, caminhavam no sentido de buscar uma solução para os problemas portugueses e, como afirmado, a ideia dos integralistas era retroceder, não no sentido de demonstrar atraso, até porque o grupo sentia estar na modernidade: "O fato de o Integralismo Lusitano defender a monarquia, o catolicismo, a divisão social em ordens, e, em alguns casos, a Inquisição; não nos deve fazer esquecer que os integralistas se sentiam fundamentalmente revolucionários, radicalmente modernos".[45]

No início do século XX, os integralistas mostravam certa preocupação com o rumo do que definiam por *Lusitanidade*, ou seja, o nacionalismo português no sentido de glorificação das raízes no espaço da antiga Lusitânia. Para os integralistas, o caminho de retomar a origem mais pura de Portugal no contexto de grandeza do país era o real objetivo de luta.[46] Em 1923, o discurso do movimento tramitava na seguinte concepção, segundo Fernão da Vide.[47]

---

41 SARDINHA, 1975: 20.

42 SALGADO, 1936b:15-18.

43 TRINDADE, 1979: 30.

44 SALGADO, 1936a: 22.

45 FERREIRA, 2009: 247.

46 A busca da lusitanidade ocorreria após o estabelecimento da monarquia corporativista: "a Monarquia é o sistema de governo mais natural e lógico e o único que pode realizar a unidade nacional e garantir os benefícios da paz, da ordem pública e da justiça pelo prestígio da autoridade". MONSARAZ, 1920:47.

47 Pseudônimo do integralista lusitano Francisco Maria Beliz (1890-1959).

> Precisamos, pois, de restaurar Portugal na pureza das instituições que fizeram a sua glória e que provieram em linha reta do seu gênio social e político. Se a sua vida se desnacionalizou, se deixou de ser bem português em algumas das mais belas manifestações do seu espírito, nas suas atuais maneiras e tendências, e se muito particularmente o deixou de ser no bom governo da sua casa, urge que nós o nacionalizemos, o reaportuguesemos, o reconduzamos à claridade primeira do caminho por onde outrora seguiam seus passos, na firmeza tranquila de quem não conhece tortuosidades ou desvios. Façamos que Portugal se ponha de acordo consigo mesmo, que regresse à linha de evolução naturalmente marcada pelo intimo sentido do seu melhor passado.[48]

Por isso era preciso a retomada dos valores medievais. Em 1924, António Sardinha afirmou que: "A constituição histórica da Europa, apoiada na propriedade e na família, é estruturalmente medieval e católica".[49] Para o grupo, era preciso reconstruir o passado digno de Portugal, incidindo o passado medieval de glórias em um ambiente católico: "Segundo esta visão, de um Portugal, tranquilo, pacatamente próspero e tradicional, a Idade Média terá sido o ponto alto da história portuguesa, /.../ toda ela tem o caráter duma saudade de embelezamento do passado".[50]

Em uma concepção teórica, o regresso à monarquia poderia parecer uma involução; mas, na concepção integralista com a retomada política, o respeito pelos costumes, através de um rei legítimo e autoritário, Portugal renasceria, pois entendendo o IL como um movimento tradicionalista, conservador e contrarrevolucionário a monarquia era vista como a única saída para as dificuldades de Portugal.[51]

Dessa forma, o caminho liberal adotado por Portugal, no início do século XX, seria excluído e a grandeza restabelecida com a "restauração de uma tradicional concepção do Estado-Nação, contra a concepção liberal do Estado, fundada no individualismo político e expressa, através do sufrágio universal, na democracia parlamentar".[52] Assim, nessa associação de política e religião, a visão nacionalista poderia ser melhor percebi-

48 VIDE, 1923:60.

49 SARDINHA, 1975: 33.

50 CARDOSO, 1982: 1402.

51 FERREIRA, 2005: 250-251.

52 CRUZ, 1982: 154.

da, uma vez que o pensamento baseado na concepção cristã tem a exaltação máxima no discurso dos membros do movimento.

Na mesma tônica, ele defendia a reconstrução do Brasil. Enquanto para os integralistas de Portugal era preciso retomar a *lusitanidade*, para os brasileiros era preciso a busca da *brasilidade*.[53] O próprio líder brasileiro afirmava que as relações entre Europa e Brasil eram próximas, pois os males existentes eram os mesmos.

Teoricamente a *brasilidade* deveria estar na raiz indígena existente no Brasil, os valores dados ao tupi-guarani, como a saudação *Anauê* é um exemplo claro da imagem que tentava transmitir. No entanto, é preciso notar que a busca da brasilidade não ocorreu unicamente e necessariamente nos indígenas. A exaltação do "gentil" era recorrente na literatura e, com seu oportunismo peculiar, não poderia estar fora da vitrine midiática da cultura. No entanto, ao analisar com propriedade o pensamento do líder integralista, verifica-se que o propósito do movimento era a valorização total do período colonial. Ou seja, o único período da História do Brasil que não havia independência é visto por ele como o mais benéfico e engrandecedor, justamente por ter a presença lusitana. Em 1933, o autor publicou o livro *Psicologia da Revolução*, uma obra destinada aos intelectuais, e nele afirmou que:

> O Brasil só fora realmente brasileiro, realmente nacionalista, dentro da Colônia. Parece um contrassenso, mas é exato. Pois Portugal estava tão longe de nós e nos excluía de tal forma de sua vida política e social, que tratávamos de viver uma vida em separado. Uma vida espontânea, bárbara e selvagem. Sobrevivendo a Independência e o contato mais a miúde com as nações da Europa, começamos a copiar, operação que nunca deixaríamos mais de praticar através de toda a Monarquia e através de quarenta anos de República. Essa ânsia de liberdade avassalava os povos. Toda a América palpitava no grande sonho do século. Em Portugal mesmo e na Espanha, acentuavam-se os movimentos liberais.[54]

Plínio Salgado mostrava atenção com os acontecimentos portugueses. Em 1932, antes da fundação da AIB, dizia: "ali mesmo na península ibérica, Portugal assume uma atitude

53 Para a *Action Française*: A história da França parece traduzir-se numa oscilação de coerência, num movimento persistente pelo decurso de mil anos, para readquirir os limites naturais da velha Galia que os Romanos conquistaram para o seu Império RAPOSO, 1929:56.

54 SALGADO, 1935b:128.

nacionalista que objetiva principalmente à restauração do prestígio do governo".[55] O autor transportou para o período colonial a ideia medievalista do lusitano. Como no Brasil não houve Idade Média dentro da contextualização historiográfica europeia, ele buscou uma raiz da originalidade brasileira, mas que não pode ser somente o índio. Dessa forma, enxergou a colônia como o medievalismo, defendido no português, em busca da chamada pureza brasileira, ou seja, a brasilidade.

Retomando o período áureo brasileiro, o nacionalismo e a força do Brasil poderiam ser restituídos de forma intensa e com grandeza. A apropriação era contínua no pensamento pliniano, principalmente no tocante à relação política entre os integralismos lusitano e brasileiro, e, contraditoriamente, após essa análise sobre a existência de uma relação clara de influência, o autor afirma que: "Nada temos que aprender, porque somos infinitamente superiores".[56] A base do pensamento nacionalista foi o motor do pensamento pliniano e, na visão radical de cunho conservador, ele convidava os membros da AIB: "Levantamo-nos, num grande movimento nacionalista".[57]

A forma de alcançar a mais pura nacionalidade era uma discussão fundamental para os lusitanos e brasileiros. O IL, perseverante em procurar na História de Portugal elementos de legitimação, buscou em elementos lusitanos aspectos para comprovar a prática nacionalista autoritária.

Visíveis são as convergências entre os dois movimentos políticos, entre os vários elementos: o nacionalismo autoritário, o conservadorismo radical, o anticomunismo, o antiliberalismo, a antioligarquia e a defesa do espiritualismo, de fácil percepção também são as divergências como: a oposição, monarquia x república e a defesa de um movimento político mobilizador da massa social, enquanto o luso, mais elitizado. Através de uma análise comparativa, buscou-se sistematizar algumas semelhanças introdutórias, mais do que diferenças entre os movimentos integralistas. As semelhanças e diferenças fazem parte de diálogos ocultos, possuindo nesse diálogo a base de sistematização política organizativa do pensamento pliniano.

A política integralista de Plínio Salgado obteve certo sucesso, uma vez que conseguiu arregimentar milhões de militantes, no entanto, nunca alcançou o poder central, assim como os lusitanos; mas, com o crescimento interrompido pelo decreto do Estado Novo, tanto no Brasil, quanto em Portugal. Getúlio Vargas e António Salazar passavam a ser elementos de incômodo para a prática integralista. A ilegalidade da AIB abriu espaço para um novo momento da relação luso-brasileira de Plínio Salgado, o exílio em Portugal.

55 SALGADO, 1934: 138.

56 SALGADO, 1935a: 126.

57 SALGADO, 1932: 3-4.

Fontes

Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL). Junta Escolar de Coimbra do Integralismo Lusitano

Arquivo Público e Histórico de Rio Claro/SP – Brasil**.** Fundo Plínio Salgado

Correspondência de Plínio Salgado a Hipólito Raposo, s/d, 1945.

Correspondências de Cláudio Corrêa d´Oliveira Guimarães a Plínio Salgado.

Referências bibliográficas

BERSTEIN, Serge, 1998. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. (Dir.). ***Para uma história cultura.*** Lisboa: Estampa.

CANDIDO, Antonio, 1999. Prefácio. In: CHASIN, José. ***O integralismo de Plínio Salgado***: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. 2. ed. Belo Horizonte: Uma.

CARDOSO, Miguel Esteves, 1982. Misticismo e ideologia no contexto cultural português: a saudade, o sebastianismo e o integralismo lusitano. Análise Social, Lisboa, n. 72-73-74, p. 1399-1408.

CARVALHO, Paulo Archer de, 1995. De Sardinha a Salazar: o nacionalismo entre a euforia mítica e a formidável paranoia. ***Revista de História das Ideias***, Coimbra, v. 17, p. 79-123.

CRUZ, Manuel Braga da, 1982. O integralismo lusitano nas origens do salazarismo. ***Análise Social***, Lisboa, n. 70, p. 137-182.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas, 1997. *O ardil totalitário*: imaginário político no Brasil dos anos 30. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; UFRJ.

FERREIRA, Nuno Simão, 2009**.** A I República e os integralistas: a visão de Alberto de Monsaraz. ***Lusíada***: história, Lisboa, n. 5-6, p. 237-193.

__, 2005. Alberto de Monsaraz e o integralismo lusitano: pensamento a acção. ***Lusíada***: história, Lisboa, n. 2, p. 253-308.

GONÇALVES, Leandro Pereira, 2012. ***Entre Brasil e Portugal***: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 668f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

__, 2014. The integralism of Plínio Salgado: luso-brazilian relations. ***Portuguese Studies***, v. 30, p. 67-93.

__, SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.), 2011/2012. ***Entre tipos e recortes***: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, v. 1 e v. 2.

MARTINS, Fernando, 2004. Integralismo Lusitano e Política Nacional: as metamorfoses e os desafios da década de 1920. In: BAIÔA, Manuel (Ed.). ***Elites e Poder:*** a crise do sistema liberal em Portugal e Espanha (1918-1931). Lisboa: Colibri/CIDEHUS-EU.

MONSARAZ, Alberto de (Ed.), 1920. ***Cartilha Monárquica***. 3. ed. Lisboa: Soares & Guedes.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de, 2011/2012. A imprensa da Ação Integralista Brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Orgs.). ***Entre tipos e recortes***: histórias da imprensa integralista. Guaíba: Sob Medida, v. 1.

PINTO, António Costa, 1983. A formação do integralismo lusitano (1907-17). ***Análise Social***, Lisboa, n. 70, p. 1409-1419.

__, 1994. ***Os Camisas Azuis:*** ideologia, elites e movimentos fascistas em Portugal – 1914-1945. Lisboa: Editorial Estampa.

__, 2004. Portugal contemporâneo: uma introdução. In. __ (Org.). ***Portugal contemporâneo***. Lisboa: Dom Quixote.

QUINTAS, José Manuel, 2004. *Filhos de Ramires*: as origens do Integralismo Lusitano. Lisboa: Nova Ática.

RAPOSO, Hipólito, 1929. ***Dois Nacionalismos***: L'Action Française e o Integralismo Lusitano. Lisboa: Ferei Torres.

REBELO, José Pequito, 1921. ***Cartilha do Lavrador.*** Lisboa: Ferin.

SALGADO, Plínio, 1995. ***A quarta humanidade***. 5. ed. São Paulo: GRD.

__, 1935a. *Despertemos a Nação!* Rio de Janeiro: José Olympio.

__, 1936a. *Homenagem a Caxias e ao Exército do Brasil.* Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda.

__, 1932. ***Manifesto de outubro de 1932***. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Propaganda.

__, 1937a. ***O que é o integralismo***. 4. ed. Rio de Janeiro: Schmidt.

__, 1934. ***O soffrimento universal***. Rio de Janeiro: José Olympio.

__, 1937b. *Páginas de combate*. Rio de Janeiro: Antunes.

__, 1936b. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio.

__, 1935b. *Psycologia da Revolução*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

SARDINHA, António, 1975. ***A teoria das cortes gerais.*** 2. ed. Lisboa: qp.

TRINDADE, Hélgio, 1979. ***Integralismo:*** o fascismo brasileiro da década de 30. 2. ed. Porto Alegre: Difel/UFRGS.

VIDE, Fernão da, 1923. ***O pensamento integralista:*** seus fundamentos históricos-scientificos – determinação & oportunidade do seu objectivo social & político. Lisboa: Propriedade da Junta Provincial da Estrema.